

~~45  
BA  
432 51~~

maio 6 de 52

# UMA GESTA DE CARIDADE VERSOS OFFERECIDOS

Ao Ex<sup>mo</sup> S<sup>r</sup>. Administrador da Casa Pia d'Evora

**ANTONIO MANOEL DE COUTO CANCOZO**

Pelo Ex<sup>mo</sup> S<sup>r</sup>.

**ANTONIO DE MACEDO PAPANÇA**

Musica de Varandas J<sup>or</sup>



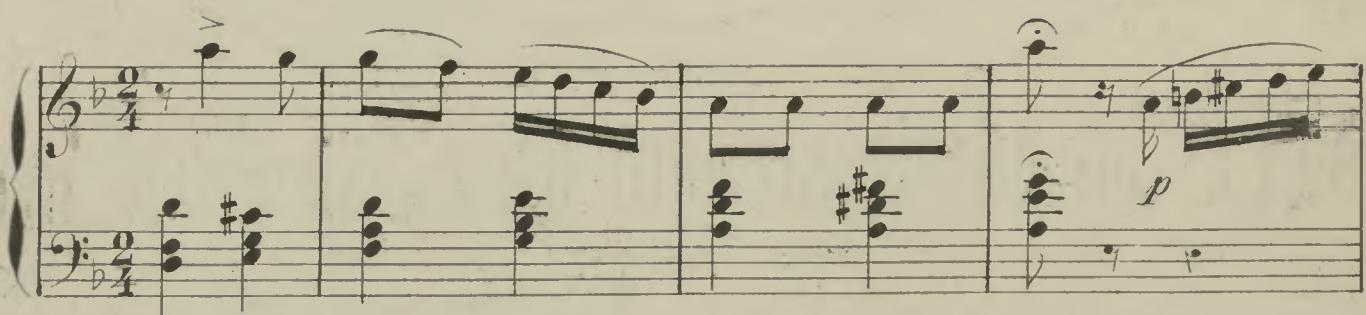
# N'UMA FESTA DE CARIDADE

Poesia  
de  
Antonio de Macedo Papança

Musica  
de  
Vargas Junior

(Recit.) Nós tínhamos por

Moderato



lecto algumas telhas rãs Por onde o arrebol das lucidas ma-nhãs Penetrava a sor-



rir em fremitos su- aves No banquete da vida, entre os vergeis, lá sora, Cantava deida-



Esta musica deve dizerse em quanto se recitam duas estrophes, podendo-se alterar o seu andamento para satisfazer as exigencias da recitação, sem prejudicar as duas composições.

Vargas Jr.

# N'uma festa de caridade

Versos offerecidos ao Administrador da Casa Pia d'Evora  
pelo Ex<sup>mo</sup> Gr<sup>o</sup> Antonio de Macedo Papanca

Nos tinhamos por recto algumas telhas rãas,  
Por onde o arrebol das lucidas manhãs  
Penetrava, a sorrir, em fremitos suaves.  
No banquete da vida, entre os vergeis, lá fôra,  
Cantava doidamente os madrigaes da aurora  
A frusca inspiracão das plantas e das aves.

Os erralhos do leo, em tremulos crystalos,  
Constelaram de luxo os toscos vegetaes;  
Sentia-se o rumor dos vales, e dos montes;  
Os vagarosos bois mugiam tristemente;  
E como a traduzir alguma dor punjente,  
Ouria-se o chorar monolono das fontes.

Dormiam no silêncio os passaros da noite:-  
-Os bandidos do ar - balidos pelo açoite  
Dos ríos rendavaes. Abriam-se as papoulas,  
Os lírios, os jasmims, os calices das rozas,  
E ocultos nos festões das balsas silenciosas,  
Palpitaram d'amor os corações das rôlas.

O céo, a terra, o mar, expandiam-se em festas;  
Adorava-se a Deos no templo das florestas  
E adorava-se a luxo no espírito de Deos;  
Era o consorcio ideal dos grandes elementos,  
Desde os trinos da aree ao sibilar dos ventos,  
Desde os fundos coros ao amplo azul dos leos.

Nós eramos então uns pobres orfaosinhos  
Desprezados e nus. Perdidos nos caminhos  
Da fome, que rão dar às fundas enxoriais,  
Passando pelo horror das prorrogações punjentes,  
Queimava-nos o sol dos longos dias quentes,  
Gelava-nos o olhar das madrugadas frias.

Não viamos no mundo uma pessoa, alguém  
Que nos chamasse "Filho!" e fosse nossa mãe  
Para nos dar o amor, esta riqueza arára!  
Engelados, (Senhor, que ironica tristezal...)  
Até nos desprezou a propria natureza,  
Roubando-nos as mães que Deos nos destinara!

Vivíamos então no fundo de uns carebres;  
Queimava-nos a carne as pestilentas febres,  
E a morte ia findar a nossa estranha lida;  
Quando um dia em que nós prostrados de cansaco  
Choravamos, alguém tomou-nos pelo braço  
E entrou connosco, a rir, pelos umbraes da vida.

E a alegria, o futuro, o amor, a luxo que brilha,  
Neste quinhão geral tambem nos deu partilha:  
Sentimos dentro d'alma os rouxinões cantar,  
Abriram-se da crença as petalas de neve  
E depois disto tudo, a nossa vida teve  
Dias d'un bello sol, noites d'un bom luar.

Hoje entramos tambem na festa universal;  
Enchei, ó primavera, as urnas de crystal;  
Yeoti de verde e branco os alcantis de flores;  
Estendei sobre a relva um séo de borboletas  
E que á noite, no espaço, os olhos dos planetas  
Selem discretamente, o sonho dos amores.

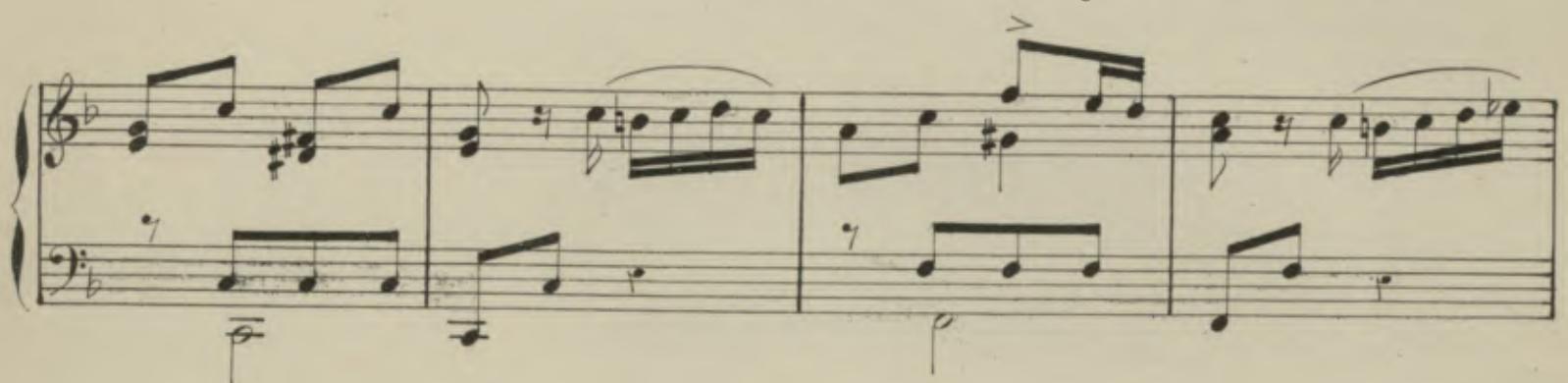
Não somos orfaos, não. A porta que rae dar  
Ao Bem, á Claridade, está aberta. O mar  
Indomito e cruel ondula mansamente.  
Trocaram-se em abris os rigidos Dezembros  
O sol da Caridade aquece os nossos membros  
E o espírito de Deos perfuma o nosso ambiente.



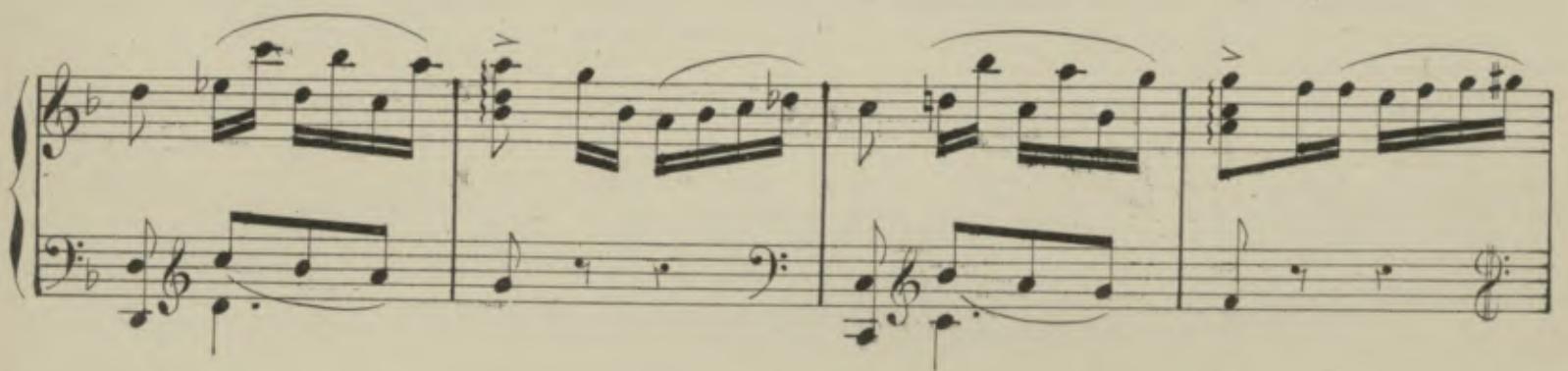
mente os madrigaes da aurora A fresca inspira - ção das plantas e das aves. Os orvalhos do



Ceo, em tremulos crys - taes Constelavam de luz os tescos vege - taes Sentia-se o ru-



mor dos vales e dos montes Os vagarosos bois mugiam triste - mente E como al tradu-



zir alguma dôr pungente, Ouvia-se o cho - rar monotonio das fontes.



Mariares, des.

